



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

MARIA CRISTINA DA CRUZ SILVA

**SALA DE AULA QUILOMBOLA E O CAIXOTE HISTÓRICO:  
EXPERIÊNCIAS DE UM APRENDIZADO SIGNIFICANTE**

ANANINDEUA - PA  
2018

MARIA CRISTINA DA CRUZ SILVA

**SALA DE AULA QUILOMBOLA E O CAIXOTE HISTÓRICO:  
EXPERIÊNCIAS DE UM APRENDIZADO SIGNIFICANTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História da Universidade Federal do Pará-UFPA/Campus Ananindeua para obtenção do grau de Especialista em Ensino de História.

**Orientador:** Dr. Francivaldo Alves Nunes

ANANINDEUA-PA  
2018

MARIA CRISTINA DA CRUZ SILVA

**SALA DE AULA QUILOMBOLA E O CAIXOTE HISTÓRICO:  
EXPERIÊNCIAS DE UM APRENDIZADO SIGNIFICANTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de História da  
Universidade Federal do Pará-  
UFPA/Campus Ananindeua para  
obtenção do grau de Especialista em  
Ensino de História.

Data de aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes  
(UFPA/CANAN - Orientador)

---

Prof. Dr. Adilson Ishihara Brito  
(UFPA/CANAN)

---

Prof<sup>a</sup>. Msc Janise Maria Monteiro Rodrigues Viana  
(UFPA/CANAN)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida e do conhecimento que permitiu a elaboração deste trabalho.

Dedico este trabalho ao marido César amigo e companheiro de todas as horas;

As minhas filhas Camila e Isabelle presente maior que Deus me deu;

A minha irmã Madalena pela criatividade e o resultado final do produto didático idealizado;

Ao Professor Francivaldo Alves Nunes, orientador por acreditar no meu potencial;

Ao Professor Adilson Brito por me proporcionar o prazer e a oportunidade em compartilhar saberes que levaram a ter outro olhar no Ensino de História, e motivou a inspiração em tornar real o Caixote Histórico;

Aos colegas de turma os quais compartilhei diferentes aprendizagens;

Aos colegas de trabalho que não mediram esforços em me ajudar no decorrer do curso.

ABACATAL LUGAR DE

Amor, amizades alegrias  
Namoro, nuances narrativas  
Abrigar, acolher, amparar  
Natureza, nomes novidades  
Intimidade, interação, religião  
Normas, nascimentos negros  
Dialogo, dialética, delicadeza  
Educação, economia, ecologia  
Umbanda, usos, urbanização  
Ação, afeto amigos.

(NERER)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo mostrar a importância de trabalhar com suportes didáticos para dinamizar o Ensino de História na sala de aula da Educação Básica, em virtude da necessidade de propor novas abordagens que possibilitem a ampliação do conhecimento no ambiente escolar quilombola. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica que se caracteriza como um importante meio de estudo para elaborar conhecimentos relacionados ao tema em tela, com aplicação de experiências didáticas em sala de aula. Neste contexto ganha destaque as teorias da História e da Pedagogia como áreas curriculares relevantes na ampliação do conhecimento histórico. Nesta discussão nos debruçamos para dialogar sobre o saber local ventilado na escola quilombola e destacar a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira, evidenciando as especificidades do espaço escolar e perceber como o conhecimento histórico é percebido no âmbito escolar. Nesta perspectiva foi valorizado o Caixote Histórico, produto didático idealizado como resultado da aprendizagem do Curso de Especialização em Ensino de História promovido pela Universidade Federal do Pará / Campus Universitário de Ananindeua. Quanto aos resultados constatamos por meio da realização de atividades com o produto supracitado que é possível romper práticas tradicionais, desenvolvendo métodos para tornar a aprendizagem de História significativa.

**Palavras-Chaves:** Ensino de história, aprendizagem, significativa, Caixote Histórico.

## **ABSTRACT**

This work aims to show the importance of working with didactic supports to dynamize the Teaching of History in the classroom of Basic Education, due to the need to propose new approaches that allow the expansion of knowledge in the quilombola school environment. The methodology adopted was the bibliographical research that is characterized as an important means of study to elaborate knowledge related to the topic on screen. In this context the theories of historiography and Pedagogy are highlighted as relevant curricular areas in the expansion of historical knowledge. In this discussion, we focus on dialoguing about the local knowledge aired in the quilombola school and highlight the importance of black culture in the formation of Brazilian society, highlighting the specificities of the school space and perceive how the historical knowledge is perceived in the school context. In this perspective, the Historical Crate, idealized didactic product as a result of the learning of the Specialization Course in History Teaching promoted by the Federal University of Pará / Ananindeua University Campus was valued. As for the results we can verify by means of activities with the aforementioned product that it is possible to break traditional practices, developing methods to make the learning of History significant.

**Key words:** Teaching history, learning, significant, Historical Crate.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Caixote Histórico.....	38
<b>Figura 2</b> - Integração e preparação de equipe do Caixote Histórico.....	39
<b>Figura 3</b> - Familiarização das crianças com o Caixote Histórico.....	40
<b>Figura 4</b> - Roda de Conversa por meio do Caixote Histórico.....	41

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPITULO I: COMUNIDADE QUILOMBOLA: LUTA E RESISTÊNCIA ATRAVÉS DOS TEMPOS .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Comunidade de Abacatal: Uma reflexão sobre o modo de vida Quilombola.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 O conhecimento histórico no espaço escolar .....</b>	<b>15</b>
<b>1.3 Especificidades do espaço escolar quilombola.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPITULO II: VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA SALA DE AULA POR MEIO DO CAIXOTE HISTÓRICO.....</b>	<b>31</b>
<b>2.1 Apontando os caminhos, a proposta em (re) construção.....</b>	<b>31</b>
<b>2.2 O Caixote Histórico: Um aprendizado significativo.....</b>	<b>36</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas deste século o conhecimento histórico tem sido ampliado por pesquisas que têm transformado seu campo de atuação por conta das transformações que exigem o percurso de novos caminhos, afetando os conteúdos, exigindo propostas curriculares, capaz de aproximar a História com as ciências seguindo processo de ensino evolutivo que reconheça o aluno como um sujeito crítico e reflexivo.

A proposta da disciplina História direcionada para o Ensino Fundamental deve ser concebida para proporcionar aos alunos reflexões sobre o mundo contextualizando conhecimentos e informações que estimulem e incentivem o desejo pelo conhecimento. Nesse contexto, é importante que esta área de conhecimento tenha como objetivo romper com os conteúdos sistematizados e valorizar novas abordagens na sala de aula.

No plano do currículo a necessidade de repensar o ensino de História é urgente para que seja definido o que ensinar visando a autonomia do conhecimento histórico escolar, por meio da elaboração de produto didático com foco em temáticas presentes na sociedade atual que viabilizem o desenvolvimento de discussões, atraentes sobre o saber regional e local. Nessa lógica cabe reconhecer que o ensino de História envolve relações e compromisso com o conhecimento histórico, de caráter científico, com reflexões que se processam em nível pedagógico e a construção de uma identidade social pelo estudante, relacionada às complexidades inerentes à realidade que convive (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2001, p.32).

O Caixote Histórico é um recurso feito de madeira branca com tamanho aproximadamente 30 cm de comprimento, 20 cm de altura, 36 cm de largura. Para se tornar um recurso atraente o material é decorado e pintado em cores alegres e vivas para dar destaque a sua estrutura, de acordo com os interesses da atividade a que este produto foi direcionado. Esse recurso didático permite aos alunos novas propostas educacionais que valorize a sua identidade quilombola ajudando os mesmos a estabelecer relações entre o particular e o geral, quer se trate do indivíduo, sua ação e seu papel na sua localidade e

cultura, quer que se trate das relações entre a localidade específica, a sociedade nacional e o mundo. Surgem a partir desta dimensão, desafios para a construção do saber histórico. Neste aspecto o ensino de História ganha novos contornos a partir do que os alunos já sabem.

Como resultado final tivemos um caixote bonito, alegre e colorido para atrair a atenção e concentração do público, ao qual foi direcionado e de acordo com o pensado para a sua idealização e apresentação. A organização do Caixote Histórico durou aproximadamente um mês em virtude da necessidade em pensar sobre a sua utilidade na sala de aula da Educação Básica também para atender os interesses da disciplina estudada.

No decorrer deste período foi elaborado um cronograma de estudos que se concentrou e valorizou ideias e teorias estudadas na referida disciplina, aulas de campo para conhecer a realidade na qual o Caixote Histórico seria inserido. Neste percurso começamos a pensar sobre uma proposta de trabalho para a escola na qual o produto poderia ser utilizado. Desta forma pensamos em uma escola que apresentasse características específicas, rica em possibilidades de construção de novas abordagens sobre temáticas diversas tendo como foco o Ensino de História.

A instituição selecionada foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Gregório Rosa Filho, localizada na Comunidade Quilombola de Abacatal, por apresentar um modelo educativo diferenciado, por conta das especificidades consideradas relevantes, sendo reconhecidas legalmente para atender demandas presentes no cotidiano escolar, uma vez que o processo educativo ventilado no quilombo não se separa das disciplinas estudadas, somando-se a esses valores éticos filosóficos.

Na perspectiva a pesquisa visa contribuir na Educação Quilombola escolhemos a turma do 4º Ano do Ensino Fundamental porque estes alunos estão na transição do Ensino Fundamental Menor para o Ensino Fundamental Maior, no qual vivenciam um processo educativo amplo, e também por ser fase propícia a um aprendizado que contempla saberes específicos relacionados a realidade local, onde predominam laços de sangue, convivência familiar, memória, cultura e história que precisam ser fortalecidos.

Dentro de uma perspectiva historiográfica inicialmente é apresentado o percurso do produto didático e os encaminhamentos de sua idealização. Em

seguida é proposta uma discussão teórica sobre a Comunidade Quilombola destacando a luta e resistência desta população através dos tempos. Nesse contexto é realizada uma reflexão sobre o modo de vida Quilombola, no qual é evidenciado seu modo de vida e o conhecimento histórico no espaço escolar, bem como as especificidades existentes neste local.

Nesta discussão com autores que tratam da temática estudada damos destaque para a valorização da identidade negra na sala de aula por meio do Caixote Histórico. A metodologia destaca o *lócus* da pesquisa, os sujeitos selecionados para o estudo, o tipo de estudo realizado e os resultados desta experiência significativa. Em continuidade a esta proposta direcionamos os nossos objetivos para a idealização do Caixote Histórico tendo como resultado um aprendizado significativo para a formação acadêmica e profissional. A seguir considerações finais momento em que se destacam as possibilidades de um aprendizado significativo no ensino de História. O trabalho é finalizado pelas referências que foram selecionadas de acordo com o interesse do estudo tendo como base o referencial teórico estudado no decorrer do Curso de Especialização em Ensino de História promovido pela Universidade Federal do Pará.

## **CAPITULO I - COMUNIDADE QUILOMBOLA: LUTA E RESISTÊNCIA ATRAVÉS DOS TEMPOS**

### **1.1 Comunidade de Abacatal: Uma reflexão sobre o modo de vida Quilombola**

Historicamente os africanos foram sujeitos da construção do Brasil, atuaram com uma experiência cultural milenar, em todos os setores da economia produtiva e doméstica, contribuíram na religião, na linguagem, na música na arte, de forma que a contribuição de seus saberes é relevante na medida em que influenciou na formação do povo brasileiro. Neste contexto iniciamos a trajetória desta discussão realizando um passeio pelo tempo para identificar de forma contextualizada a presença negra no cenário brasileiro para adentrar no contexto paraense e, em seguida conhecer como se deu a organização e o povoamento da Comunidade Quilombola de Abacatal, tendo em vistas que esta participação é significativa no município de Ananindeua.

Coelho, Santos e Silva (2015) destacam a importância da contribuição negra para a formação da sociedade brasileira, representada pela tradição artística por uma variedade de entalhes em madeira trabalhos em bronze e couro. Os cabelos como símbolo de identidade é uma forma de identidade que pode indicar condição social, origem, estilo bastante imitado e valorizado na moda brasileira, que também tem contribuído significativamente no combate ao preconceito e discriminação no meio social.

Complementando o posicionamento das autoras, é importante destacar a contribuição negra na culinária brasileira, na medida em que vários produtos foram por africanos e que se fazem presentes nas cozinhas de famílias em diferentes regiões. O famoso óleo de dendê, o leite de cocô, a noz-moscada são tipicamente africanos, mas bastante valorizados e degustados, juntamente com outros temperos e pratos africanos. Ganha destaque também contribuições no vocabulário, vestimenta, música e dança que influenciam fortemente a cultura brasileira.

Discutindo relações de luta e resistência Acevedo Marin (2004, p. 34) dá destaque para as interações entre mocambeiros que se concentraram no Baixo Amazonas mantendo importantes relações com a natureza. Busca nas

memórias, nos relatos a valorização deste modo de vida para compreender práticas culturais e sentidos de pertencimento pela posse da terra.

Analisamos tais relações é possível perceber que estes povoamentos foram constituídos em vários espaços, para atender diversos interesses a partir de ações coletivas de resistência decorrentes da insatisfação advindas de desigualdades presentes nesta época. Essas se estenderam por muito tempo dentro de um campo de conflitos e tensões presentes até hoje fortalecidos por discursos ideológicos pautadas na discriminação no preconceito e na ideia de que o quilombo é um aglomerado de palhoças e de pessoas desocupadas, preguiçosas e perigosas.

Silva Filho (2012, p.55) identifica o povoamento quilombola no município de Oriximiná, na região de Trombetas, no Marajó relata a insistência das autoridades contra esse povoamento, para atender aos interesses dos colonos. Interessante ressaltarmos que o negro só era valorizado como força de trabalho, enquanto que sua história e identidade eram silenciadas pela sociedade. O povoamento do quilombo incomodou os colonos, tanto que várias expedições foram organizadas para eliminar estes locais. Esses conflitos se intensificaram quando os índios se aliaram aos soldados para orientá-los pelas matas e capturar os negros considerados foragidos.

A conquista do território significa para a comunidade quilombola liberdade e um sonho de vida melhor. O território vai muito além de ser um espaço físico, apresenta-se como um local de identidade do grupo ou de pertencimento a este, por meio de uma apropriação simbólica. Um quilombola pertence a um território, mas não o possui. Os viventes não são os únicos a ocupar o território, a presença dos espíritos ancestrais marca-o pela religiosidade. O território não diz respeito apenas a função ou ao ter, mas ao ser. Esquecer este princípio espiritual e não material é se sujeitar a não compreender a violência trágica de muitas lutas (SILVA FILHO, 2012, p. 57).

A comunidade de Abacatal está localizada a aproximadamente 7 km da sede do município. Este percurso pode ser percorrido por estrada de terra na qual as condições de acesso merecem atenção por parte da gestão municipal, especialmente no período chuvoso quando este caminho fica intratável, o que motiva moradores, visitantes e outros a buscar novas rotas para adentrar no quilombo.

No que se refere à territorialidade desses grupos a ocupação destas terras não é feita em termos de lotes individuais. Nas terras quilombolas predomina seu uso comum, a utilização destas áreas obedece a critérios de acordo com a realização das atividades, agrícolas, extrativistas ou outras, voltadas para a economia familiar, onde as famílias com o seu esforço de trabalho garantem o seu sustento também movimentam a sua economia de forma bastante dinâmica, por conta do comércio realizado (SILVA FILHO, 2012, p. 67).

A constatação do autor chama a atenção para a territorialidade de Abacatal, que em virtude da aproximação de condomínios, estradas, empresas, invasões que se instalam de forma desordenada, se encontra em contato com drogas, assaltos, assassinatos, álcool, ocupação desordenada de terrenos, abandono da escola pelos jovens e outros tipos de violência e situações que até então, não eram comuns. Mas, precisam ser repensadas para que a convivência em seu espaço não seja comprometida.

Acevedo Marin, (2004, p. 99) esclarece que:

O povoado de Abacatal teve a sua formação no período da colonização da Amazônia a partir de um engenho de produção de cana-de-açúcar de propriedade do nobre cuja descendência era portuguesa que se chamava Conde Coma de Mello. De acordo com relatos orais promovidos pelos moradores mais antigos o Conde teria deixado estas terras como herança para as três filhas que tivera com uma de suas escravas.

Formou-se um núcleo familiar que se desenvolveu ao longo os tempos. Desde então a comunidade se organizou e no ano de 1999 recebeu a titulação como espaço remanescente de quilombo. Explica Silva Filho (2012, p.55) a titulação das comunidades quilombolas é o primeiro passo para o reconhecimento da identidade da comunidade como remanescente de quilombo e a regularização de suas terras. A emissão do certificado é de responsabilidade da Fundação Cultural Palmares, que tem como atribuição legal realizar e articular ações de proteção, preservação, do patrimônio cultural das comunidades remanescentes de quilombos.

O entendimento de que os quilombos foram apenas reduto de negros em defesa da liberdade é reducionista frente aos estudos atuais e a convivência com esta população. Estes espaços também representam a existência de uma sociedade alternativa que, ainda hoje, guarda muito da riqueza cultural da matriz africana presente no

Brasil. Sendo assim, os quilombolas de Abacatal convivem satisfatoriamente com as pessoas que não fazem parte do contexto, mantém relacionamentos importantes, garantindo o respeito de outras comunidades que estão cada vez mais próximos de seu entorno (SILVA FILHO, 2012, p. 77).

Muitos quilombos conseguem resistir ao preconceito decorrente de pressões da sociedade e com o passar do tempo, conquistaram seu espaço, criaram estratégias de sobrevivência, mantendo interações nos diversos âmbitos por meio de contatos da Associação de Moradores e Produtores Quilombolas de Abacatal/Aurá, (AMPQUA), participando de projetos, de grupos religiosos, reuniões dentro e fora do espaço do quilombo, eventos culturais, Seminários, encontros de consulta, adquirindo graduação no ensino superior, com o objetivo ampliar conhecimentos visando preservar a sua história. Assim, a Comunidade Quilombola de Abacatal, fortalece suas relações, conquistou o título de posse da terra mantém importantes negócios com a zona urbana de Ananindeua, em especial na Feira municipal onde os estes negociam seus produtos.

O Quilombo de Abacatal sobrevive convivendo de forma bastante significativa no município de Ananindeua, combatendo a discriminação, o preconceitos, desrespeito, participando dos avanços, do desenvolvimento econômico que inclui sua experiência de vida e de trabalho. É relevante que a legislação se apresente, no sentido de garantir os direitos quilombolas as gerações futuras para que essas tenham condições de assumir o compromisso, alavancar e garantir suas posses de acordo com o previsto nos documentos legais relativos a sua titulação de terras.

## **1.2 O conhecimento histórico no espaço escolar**

O conhecimento é uma aquisição necessária ao desenvolvimento social e humano, na medida em que o indivíduo aprende, ele desenvolve dinâmicas que possibilitam a compreensão da realidade, da vida, de sua existência enquanto sujeito histórico e sua participação ganha novos contornos que possibilita a ampliação de interações, aproximando culturas e saberes que juntos compõem um mundo de diversidades significativas para atender diferentes necessidades e perspectivas visando a preservação de gerações futuras.

Abordando as constantes mudanças enfrentadas pela sociedade na realidade atual Fonseca (2003, p. 98) discorre sobre a importância de repensar o conhecimento histórico no espaço escolar. Para esta autora a rapidez das transformações provoca uma crise cultural criando dúvidas sobre o que ensinar e aprender no espaço escolar. Diante disso, a escola ganha destaque por ser um espaço de diálogo, de interações no qual o conhecimento histórico precisa ser trabalhado de diversas formas.

Neste contexto, o tradicional e o moderno podem interagir visando a mobilização de informações que potencializem um currículo que atenda aos interesses e necessidades de uma realidade que muda de forma constante. Nesta discussão é importante pensar sobre como o conhecimento histórico está ventilado no espaço escolar, tendo em vistas a presença de práticas tradicionais ainda presentes na escola. Essa questão merece atenção, porque ensinar requer fundamentação teórica, experiências e conhecimento científico, uma vez que o professor independentemente da sua especialidade ou área de atuação faz interferências no comportamento do aluno. Portanto, precisa estar consciente à cerca do que é importante ensinar e aprender (FONSECA, 2003, p.55).

O conhecimento histórico, como área científica, tem influenciado o ensino, afetando conteúdos e os métodos tradicionais de aprendizagem. Contudo, não têm sido estas transformações as únicas a afetarem o ensino de História. As escolhas do que e como ensinar é proveniente de uma série de fatores e não exclusivamente das mudanças historiográficas. Relaciona-se com uma série de transformações da sociedade, especialmente a expansão escolar para um público culturalmente diversificado, com a intensa relação entre os estudantes com as informações difundidas pelos meios de comunicação, com as contribuições pedagógicas especialmente da Psicologia social e cognitiva e com propostas pedagógicas que defendem trabalho de natureza interdisciplinar (BRASIL, 2001, p.32).

Um exemplo clássico a ser considerado trata-se das metodologias utilizadas por alguns professores que ao ministrar as aulas de História se reportam única e exclusivamente ao livro didático. Essa postura se torna ainda mais preocupante na medida em que esse professor trata este conhecimento como se este servisse apenas para levar os alunos ao passado, sem contextualizá-lo com a realidade social atual e local. Como retorno forma-se alunos que não dão conta de pensar historicamente, de elaborar textos no

momento de fazer uma redação ou ainda de participar de um diálogo no momento de conversa na sala de aula.

Conforme explica Cerri (2011, p. 124):

É necessário o professor pensar historicamente buscando possibilidades de mudanças nos diálogos mantidos com os conteúdos para ter acesso a uma linguagem que rompe com o saber tradicional presente no livro didático, no planejamento e na mentalidade destes profissionais, que precisam ser contemplados com novas discussões fundamentadas na literatura especializada visando novos encaminhamentos metodológicos no seu cotidiano de sala de aula, e a ampliação do conhecimento histórico no espaço escolar.

Considerando as reflexões teóricas anteriores, propomos desenvolver um tema voltado à construção de produtos didáticos tendo como foco o “Caixote Histórico”. Este foi elaborado para proporcionar reflexões sobre a sua relevância no desenvolvimento do trabalho docente. Envolve questões voltadas para o interesse, a intencionalidade, a vontade de aprender e principalmente a necessidade de romper práticas tradicionais de ensino que valorizam o ensino de história a partir do uso apenas do livro didático, tendo este recurso como única referência.

Essas considerações são importantes para explicar a relevância que é estudar a disciplina História por meio de um trabalho interdisciplinar criando produtos didáticos que propicie um entendimento sobre vários conteúdos que fazem parte do currículo, percebendo continuidades e permanências no mundo, estabelecendo relações, ampliando conhecimentos sobre o ser humano, o grupo, a região, a localidade. Nessa lógica percebemos que elaborar o conhecimento histórico envolve relações e compromissos, de caráter científico, com reflexões que se processam no nível pedagógico e a perspectiva de aquisição de informações ventiladas no espaço escolar.

Conforme explica Santos (2012, p. 79):

A criação de produtos didáticos é atraente a aprendizagem de alunos, na medida em que envolve uma diversidade de elementos utilizados como suporte experimental na organização do conhecimento, servindo de interface mediadora para facilitar a relação de aprendizagem proporcionando informações importantes no momento da construção de saberes relacionado ao Ensino de História. São criações pedagógicas que mediam práticas e contribuem, quando escolhidos e utilizados adequadamente, na interação, socialização, comunicação, causando reflexão acerca de fatos, acontecimentos e situações voltados a realidade.

Nesse contexto, dialogar, a partir do uso do Caixote Histórico, que posteriormente explicaremos de que se trata de forma mais explícita, é uma atividade relevante que permite ao professor dinamizar o conhecimento, estabelecer relações com fatos e acontecimentos que fazem parte do cotidiano, da localidade, também para contribuir na socialização, concentrar o interesse dos alunos, bem como, levá-los a pensar sobre o seu lugar no mundo, que tem relação direta com os conteúdos que eles estudam nas disciplinas na sala de aula da Educação Básica.

Quando pensamos no produto didático, nos aproximamos dos estudos de Fonseca (2003, p. 32), que constata nas últimas décadas a educação brasileira vivenciou contribuições significativas, entre estas podemos destacar a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), documentos que expressam o que da Cultura e da História o Estado brasileiro considera, hoje, necessário e adequado desenvolver aos alunos nas aulas de História visando à dinamização do currículo.

O currículo sempre representou um dos campos mais polêmicos das discussões pedagógicas e das políticas educacionais, afinal ao definir um conjunto de saberes obrigatórios para um grupo, uma comunidade ou para toda a sociedade, o currículo expressa uma determinada visão de mundo com todas as consequências que derivam deste princípio. São áreas de disputa conceituais, ideológicas e políticas. Daí a necessidade de que movimentos como as bases curriculares necessariamente sejam legitimados por pactos e discussões nacionais, exaustivos e democráticos (BNCC, 2017, p. 4).

Outra ação vivenciada na proposta da educação brasileira consiste na homologação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) ocorrida no ano de 2017 pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). Este documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Conforme este documento ao longo da Educação Básica, as aprendizagens

essenciais devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

Nesta discussão valorizamos a competência nº 9 que compõe a Base Nacional Curricular Comum, que dá ênfase para “exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e preconceito, de qualquer natureza” (BRASIL, 2017, p.10).

Nesse contexto, o uso do Caixote Histórico, como produto didático para ensinar História na turma do 4º Ano é uma proposta relevante, pois observamos que no espaço escolar o conhecimento histórico pode ser estimulado de diversas formas, pois neste local ocorrem relações importantes que possibilitam aos alunos valorizar a sua realidade local desenhada por meio das relações de trabalho na feira e perceber, a partir de um olhar interdisciplinar, como essas interações se entrelaçam e refletem no seu cotidiano de educação.

Sendo assim, este produto didático também se caracteriza como um recurso propício para colocarmos em prática os conhecimentos construídos por meio da aplicação deste produto didático, e também, propor uma interação da História com a Pedagogia, para valorizar a prática profissional e o conhecimento acadêmico, visando contribuir na ampliação do saber escolar, tendo como público alvo, os alunos da turma do 4º Ano do Ensino Fundamental matriculados na Educação Básica.

Essa atividade foi elaborada com a intenção de dialogar com a literatura especializada que sugere importantes discussões acerca do patrimônio, visto que esses conhecimentos devem ser incluídos no currículo por apresentar um conjunto de temáticas relevantes a serem aprendidas pelos alunos que estão na escola. Sob esse aspecto Funari (2005) contribui significativamente afirmando que a “noção de patrimônio advém etimologicamente da concepção de herança paterna”. A convivência entre as pessoas também é valorizada por esse autor que afirma o quilombo como local onde convivem pessoas de diferentes origens étnico-culturais. Igualmente Vygotsky (1996, p.70) que também dialoga com essa proposta, uma vez que “o desenvolvimento humano é um processo impregnado pela cultura e marcado pela história, resultante das múltiplas interações”.

Ao pensarmos nesta atividade valorizamos as ideias de Mattozzi (2008) que mostra possibilidades de potencializar o currículo da escola ressaltando que a educação para o patrimônio pode contribuir significativamente no desenvolvimento da consciência de classe e a formação histórica de alunos no Ensino Fundamental em virtude da organização curricular que pode ser elaborada para tratar de temáticas relacionadas ao território, aos bens culturais, ao patrimônio dentre outros assuntos que apenas são contemplados no livro didático. Desta forma, caracteriza-se como um saber sistematizado que impossibilita o aluno a ter um olhar crítico e reflexivo em relação ao passado, presente e futuro.

O posicionamento de Arruda (2007) ganha significado por meio do Caixote Histórico por que esse historiador discute questões relevantes sobre pertencimento em virtude das interferências científicas, culturais, econômicas, religiosas, e tecnológicas que ocorrem no entorno da escola que está recebendo influências no modo de vida, bem como nos saberes que estão sendo ventilados no currículo escolar, tendo em vistas que nenhuma instituição educativa está indiferente dos fatos e acontecimentos sociais.

Quando valorizamos o produto didático dialogamos com Fonseca (2003, p. 32), que constata nas últimas décadas contribuições para a educação brasileira contribuições significativas. Entre estas podemos destacar a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais segundo este autor são documentos que expressam o que da Cultura e da História o Estado brasileiro considera, hoje, necessário e adequado o que deve ser aprendido e ensinado.

O conhecimento histórico é um saber que deve ser construído de forma coletiva, onde sejam valorizados conhecimentos prévios dos alunos, pois quando ingressam na escola, a turma já traz informações relevantes sobre sua realidade seu cotidiano, que em algumas situações não são considerados por professores. O que de certa forma compromete o entendimento da história, uma vez que é entendido pelo docente que é mais importante estudar sobre outras culturas, outros lugares que levar os alunos a valorizar e conhecer a sua localidade.

Pensamos que a feira, local de observação e produção de atividades escolares, é um espaço social e cultural da comunidade, na qual ocorrem

relacionamentos significativos que precisam ser percebidos e considerados como uma possibilidade de ensino e aprendizagem. Assim, é necessário valorizar as aulas de história, pois os professores precisam estimular percepções sobre a importância desse espaço para a realidade local, bem como as relações que se desenvolvem entre os sujeitos. Diante de tantas possibilidades acreditamos que é possível estimular os alunos a lançar olhares nas relações de trabalho presentes no cotidiano desse espaço, visando um trabalho de valorização do conhecimento histórico na sala de aula do quilombo.

As escolhas do que e como ensinar resulta de uma série de fatores e não exclusivamente das mudanças historiográficas. Relaciona-se com uma série de transformações da sociedade, especialmente a expansão escolar para um público culturalmente diversificado, com a intensa relação entre os estudantes com as informações difundidas pelos meios de comunicação, com as contribuições pedagógicas principalmente da Psicologia social e cognitiva com propostas pedagógicas que defendem trabalho de natureza interdisciplinar (BRASIL, 2001 p.33).

Essa produção vem sendo investigada por que observamos o empenho dos cursos de Pós-graduação em educação se voltando para a área de História apontando propostas de interesses, não somente de historiadores e professores da Educação Básica, mas atraindo profissionais como pedagogos, sociólogos, advogados e outros que atuam em âmbitos ligados a educação. Essa procura ocorre em virtude da necessidade em ampliar processos formativos voltados para procedimentos investigativos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem histórica bem como ampliar a discussão sobre questões relativas à diversidade de informações presentes na sociedade no decorrer dos tempos.

Nesta expectativa constata-se que as propostas curriculares passaram a ser influenciadas pelo debate entre as diversas tendências historiográficas, nas quais os historiadores se voltam para a abordagem de novas problemáticas e temáticas de estudo, sensibilizados por questões ligadas à história social, cultural e do cotidiano, sugerindo possibilidades de rever o ensino fundamental o formalismo da abordagem histórica tradicional (BRASIL, 2001 p.28).

Nos dias de hoje observamos que o conhecimento histórico no espaço escolar é influenciado por várias tendências que direcionam o saber transmitido pelos professores, inclusive práticas tradicionais que também se fazem

presente na escola da Educação Básica. Nesta lógica é necessário desconstruirmos ideias de que este conhecimento sempre deve estar ligado ao passado, onde deve predominar a memorização de datas comemorativas e festividades cívicas que direcionam o trabalho do professor que por sua vez fica vulnerável ao desenvolvimento de outras estratégias de trabalho, preso a um único planejamento.

Diante dos desafios para dinamizar o conhecimento histórico no espaço escolar é necessário considerarmos o lugar dos saberes adquiridos no tempo, pois a cada momento histórico vivenciado esses ganham novos contornos para atender as expectativas das mudanças e transformações sociais. Cabe saber como se deu a constituição do campo da história a partir do histórico da disciplina no Brasil pois ao longo do tempo foi se constituindo uma identidade multifacetada e plural pois como bem coloca Vidal (2003, p.37) desde a segunda metade do século XIX, tratados sobre história da educação brasileira foram elaborados por médicos, advogados, engenheiros, religiosos, educadores e historiadores e circulavam no país e no exterior.

Fonseca (2003, p.88) nos motiva a pensarmos que a transformação do Ensino de História é estratégica não só na perspectiva do rompimento com as práticas homogeneizadoras que estão na escola da Educação Básica, mas também na criação de novas práticas escolares, o que ainda se constitui um dos desafios enfrentados pelas instituições brasileiras. Assim, é necessário focarmos na valorização e resgate do saber histórico escolar, pois este é constituído de tradições, ideias, símbolos e significados que dão sentido às diferentes experiências históricas.

Desta forma não podemos negar que cada escola tem a sua realidade, seus saberes, suas especificidades, que devem ser levadas em consideração no momento de elaboração do currículo, no qual a importância da educação para a diversidade seja valorizada no ambiente que a instituição se insere. No caso da Educação Quilombola a necessidade de um trato pedagógico se torna mais relevante para que o saber presente na comunidade não seja comprometido no tocante de suas peculiaridades.

### 1.3 Especificidades do espaço escolar Quilombola: Caso de Abacatal

O espaço do quilombo apresenta diversidade significativa que merece ser considerada, pois reflete diretamente no modo de agir e pensar do seu povo, que mantém um contato dinâmico com a terra e a natureza, consideradas pelos seus moradores como importante patrimônio de geração, uma vez que toda a história de vida afrodescendente gira em torno destes elementos, de onde também é retirado o seu sustento e das famílias moradoras do lugar.

Em relação a esse conceito Munanga (1996, p. 60) nos apresenta o seguinte:

A palavra quilombo tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens e os integravam como guerreiros num regimento de interação social constante visando à garantia e conquista da liberdade.

É importante considerarmos que os quilombos nos remetem a vários tempos e espaços históricos, diz respeito a sociedade, grupo. Coelho, Santos e Silva (2015, p.109) complementam essa discussão afirmando que as comunidades quilombolas de hoje recebem várias denominações, tais como: terras de preto, mocambos e comunidades negras rurais. Todas essas palavras convergem para o termo quilombo ou comunidades quilombolas. As comunidades quilombolas se caracterizam pela prática do sistema de uso comum de suas terras, concebidos por elas como um espaço coletivo e indivisível que é ocupado e explorado por meio de regras consensuais aos diversos grupos familiares que compõem as comunidades cujas relações são orientadas pela solidariedade e ajuda mútua.

Marin e Castro (2004, p. 99) esclarecem que o povoado de Abacatal teve a sua formação no período da colonização da Amazônia a partir de um engenho de produção de cana-de-açúcar de propriedade do nobre cuja descendência era portuguesa que se chamava Conde Coma de Mello. De acordo com relatos orais promovidos pelos moradores mais antigos o Conde teria deixado estas terras como herança para as três filhas que tivera com uma de suas escravas.

Posteriormente teria se formado um núcleo familiar que se desenvolveu ao longo os tempos. Desde então a comunidade se organizou e no ano de 1999 recebeu a titulação como espaço remanescente de quilombo. Explica Silva Filho (2012, p. 55) a titulação das comunidades quilombolas é o primeiro passo para o reconhecimento da identidade da comunidade como remanescente de quilombo e a regularização de suas terras. A emissão do certificado é de responsabilidade da Fundação Cultural Palmares, que tem como atribuição legal realizar e articular ações de proteção, preservação, do patrimônio cultural das comunidades remanescentes de quilombos.

Desde os primeiros quilombos conhecidos pelos historiadores, é possível observar que a agricultura era a principal forma de subsistência. O mais conhecido quilombo é o de Palmares liderado por Zumbi imortalizado até os dias atuais. Palmares ficou conhecido por ter abrigado um número expressivo de quilombolas, assim como pela resistência oferecida às invasões que tentavam desarticulá-lo. Foi o maior quilombo na história da América Portuguesa, os dados sobre sua população variam entre mínimo de 6 mil e o máximo de 30 mil quilombolas (PEREIRA, 2012, p.34).

Verificamos por meio de contatos mantidos na Comunidade Quilombola de Abacatal que, com o passar do tempo a sua formação adquiriu novos contornos, novas formas de convivência possibilitadas pelas interações, a intensificação do trabalho, o acesso à educação que vem garantindo diversas conquistas no plano familiar. A inclusão do Quilombo de Abacatal no cenário de Ananindeua trouxe o direito de regularização de suas terras, incluindo a preservação das suas memórias como direito constitucional, inaugurando um cenário propício ao debate em torno da identidade brasileira.

Entender dentro de um viés histórico a dimensão que rege a formação do quilombo, as relações mantidas entre esse povo em sua composição inicial são importantes tanto para a valorização étnico-racial, quanto na construção de uma identidade negra positiva de uma população que apesar de fazer parte da estrutura social. Um aspecto interessante sobre o modo de vida no quilombo refere-se a educação escolar, visto que esse processo apresenta algumas especificidades de acordo com a realidade que os quilombolas estão inseridos. Nesta compreensão destacamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, que prevê no seu Artigo<sup>1º</sup> o seguinte:

§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: a) da memória coletiva; das línguas reminiscentes; dos marcos civilizatórios; das práticas culturais; das tecnologias e formas de produção do trabalho; dos acervos e repertórios orais; dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; da territorialidade (BRASIL, 2013).

A lei define que esta comunidade seja contemplada com um modelo de ensino específico, para que a memória, cultura e tradição seja preservada dentro do seu contexto, segundo critérios de atribuição, com trajetória histórica própria, com respeito as relações territoriais, com reconhecimento a sua ancestralidade negra relacionada com a sua história de luta, opressão, coragem e resistência. Com base na legislação brasileira atual, podemos dizer que os quilombolas são sujeitos de direito reconhecidos legalmente. Portanto devem ter atendidas suas peculiaridades.

A comunidade do Abacatal apresenta como especificidade a responsabilidade dos moradores que pode ser percebida é em relação à posse da terra, no momento da entrada desta comunidade, na qual fica estabelecido entre os moradores que no período da manhã a vigilância e a recepção a quem ingressa no espaço fica sob a responsabilidade das mulheres, estas assumem uma importante responsabilidade que vai além de tomar conta dos filhos e da casa. Enquanto que no turno da noite a responsabilidade pela segurança de todos é de competência dos homens.

Em comunidade, os homens precisam estabelecer a ligação que os define como um grupo, cultivar esse fator de modo a permitir uma coesão suficiente para que os conflitos não resultem no enfraquecimento do grupo e coloquem a sua sobrevivência em risco. Uma versão, ou um significado construído sobre a existência do grupo no tempo, integrando as dimensões do passado (de onde viemos), do presente (o que somos), e do futuro (para onde vamos) é o elemento principal da ligação que se estabelece entre os indivíduos (CERRI, 2011, p. 31).

As comunidades remanescentes de quilombo são grupos sociais com uma identidade que os diferencia do restante da sociedade. É importante explicarmos que, quando falamos em identidade, nós reportamos a um processo de identificação, assim. Esse é bastante dinâmico e não se reduz a

elementos materiais ou traços biológicos, como cor da pele, todos devem ter os mesmos cuidados com o maior patrimônio que é a terra.

Assim, o quilombo amadurecido é uma instituição transcultural que recebeu contribuições de diversas culturas dentre essas se destacam: Lunda, Imbangala, Bundu, Kongo, Wovimbundu, todas de origem africana etc. As diversas formas de resistência presentes em seu continente de origem inspiram os negros africanos trazidos ao Brasil, em meio à maior migração forçada da história, sofrendo com a animalização de seus corpos e a violência física e psicológica fruto da escravização pelos povos lusos, a criarem mecanismos também de resistência (SOUZA, 2012, p. 92).

Outra especificidade da escola quilombola trata-se de existir na sala de aula laços de família entre os alunos em virtude da proximidade das moradias e de parentesco. O que facilita a interação, a parceria, a participação dos pais na escola. Essa parceria é positiva porque, é conhecido que, onde quer que esteja localizada, a escola não é capaz de trabalhar sozinha, essa instituição precisa da colaboração dos pais para alcançar os seus objetivos, que é o sucesso na aprendizagem dos alunos, uma vez que, quando os pais se envolvem no ensino proporcionado seus filhos, eles aprendem mais.

O saber familiar ajuda na preservação da cultura quilombola. Assim, para que a educação quilombola faça parte da escola é necessário envolver a família no processo ensino aprendizagem, que deve refletir a realidade e a compreensão do saber local. Deste modo é muito importante que a família faça parte do ensino, contribuindo com as suas experiências, estas são determinantes para que as especificidades quilombolas sejam incluídas no currículo escolar.

Nesta perspectiva, Pereira (2012, p. 99) ao abordar sobre o modo de vida quilombola, chama a nossa atenção sobre a importância da territorialidade para a preservação, a cultura, a memória e história deste povo, neste século levando-se em consideração as mudanças tecnológicas, científicas, políticas, religiosas, vivenciadas por membros desta comunidade, que cada vez mais se afasta de seus saberes, sua educação, sentimentos, vínculos e se defronta com a invasão e desvalorização de seus direitos, mesmo sendo esses legalmente instituídos, conquistados por meio de luta e resistência.

Neste contexto, valorizamos a importância da Resolução Nº 025/2014 do Conselho Municipal de Educação do Município de Ananindeua (2014, p.9) que torna pública e Regulamenta as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Etnorraciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena no Sistema Municipal de Ensino que determina em seu Artigo 3º o seguinte:

I promover a educação de cidadãos conscientes e conhecedores da sociedade multicultural e pluriétnica, buscando um nível de convivência étnico-sociais positivas, rumo à construção da nação justa e democrática;

II Promover o reconhecimento da identidade, igualdade e valorização das raízes africanas e indígenas no município de Ananindeua;

III Proporcionar aos alunos condições de ensino e aprendizagem que favoreçam uma postura crítica, reflexiva e propositiva, no contexto escolar em relação às questões etnorraciais.

Nessa perspectiva Souza (2012, p. 75) reflete sobre a disposição em quilombos é vista como excluída, distante da realidade, pois estes se localizam geralmente em matas e se afastava da civilização, uma organização passiva até certo ponto, mas com o passar dos anos e em meio as reivindicações, esta significação ganha um novo caráter. A luta do negro surge, no texto previsto nos encaminhamentos da Constituição Federal (1988), que em seu Artigo 68, compreende o quilombo como “aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir a essa população os títulos respectivos”. Assim, torna a perceber esta comunidade como ativa e que luta por direitos.

O conteúdo deste documento constitucional permite que as lutas quilombolas sofram uma transformação na percepção que a sociedade tem dos quilombos, efetuando-se uma reconfiguração simbólica (com a atribuição de uma dimensão positiva) do ser descendente de escravos na qual se confere relevo à dimensão da resistência à escravidão. Entretanto outros documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, que representa uma vitória dos movimentos sociais, pois elas nasceram na base, a partir da luta da população negra, mais especificamente do movimento quilombola. Uma revolução no ensino brasileiro tendo em vista que as referidas diretrizes orientam os sistemas de ensino a valoriza os

saberes, as tradições e o patrimônio cultural das comunidades remanescente de quilombos, algo impensável em outras épocas (SANTOS, 2012, p. 65).

As escolas quilombolas foram regulamentadas com a criação de Diretrizes Curriculares Nacionais específicas no ano de 2012; o referido documento foi fruto de uma série de discussões realizadas no campo educacional a partir década de 1980. Determinou-se, assim, que a Educação Escolar Quilombola ocorresse em escolas inseridas nas próprias comunidades, tendo no currículo temas relacionados à cultura e à especificidade étnico-cultural de cada uma delas.

Pode-se refletir sobre a importância de educação no quilombo trabalhar a combate ao racismo, a quebra de estereótipos construídos historicamente, mas especificamente a escola quilombola carrega consigo questões de história, geografia e cultura. O enredo da questão territorial na luta pela titulação e reconhecimento como remanescentes quilombolas e que precisam superar o distanciamento, a exclusão da sociedade e ter direito e acesso a estes, são questões que perpassam os corredores e as salas escolares.

Sendo assim pensamos o quilombo como lugar de produção de informação, conhecimentos, socialização, interação, de família, de educação, de formação humana. Quando se pensa na ligação com a terra na perspectiva quilombola é possível reconhecermos saberes ancestrais, seu pertencimento, geográfica. Que tem no seio da sua história a luta e resistência pelo jeito de pensar, ser e agir de acordo com a sua cultura. Ou seja, pensar em educações quilombolas implica, portanto, entendermos as relações no dia-a-dia das pessoas, a relação entre homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e idosos e a relação deles com a terra, com o sagrado, com a cultura e com as diversas formas de organização (SOUZA, 2012, p. 122).

Ressaltamos que a questão da cor é uma especificidade que merece destaque enquanto especificidade da escola quilombola, pois a turma é composta expressivamente por alunos e alunas negras, comprovando que a cor negra se faz presente tanto dentro, como fora de Abacatal. Mesmo, quem não tem na pele a cor preta, aparentam de alguma forma traços africanos que deixam claro a descendência africana. O diálogo com estas crianças revelou que elas ainda não têm consciência de que são herdeiras de uma tradição importante que está presente no contexto de Ananindeua. Daí é que se

ressalta a importância da Escola Manoel Gregório Rosa Filho colocar em ação um currículo que dê conta de assegurar o que está garantido no Artigo 34 da Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2012. Este documento que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, a qual é garantido que “o currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades”.

Deste modo a legislação convida a refletir que é preciso estarmos atento às condições a que estas comunidades estão vivendo, como unidade tem o direito a ter acesso à saúde, moradia e educação de qualidade, precisam se desfazer de suas heranças colonialistas de exclusão e afastamento, reclusão. É necessário a elas ser ofertado o direito à produção, à terra, se assim desejarem viver. As questões pedagógicas estão inseridas em um âmbito de luta, de resistência, onde os alunos devem ser motivados a conhecer a sua história na sala de aula.

Neste cenário um ensino voltado para a transmissão de conhecimentos sistematizados se revela como ineficiente e sem nenhum sentido, pois não basta que os alunos quilombolas consigam reter informações, é necessário que essas informações sejam transformadas em conhecimento e possam ser articuladas com a resolução dos problemas que esse aluno irá enfrentar. Nesse entendimento valorizamos as ideias de Paulo Freire (1996 p.52) quando este teórico afirma que ensinar não é transmitir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção

Diante do diálogo mantido com os autores entendemos que educação é um direito a ser garantido, tanto seu acesso quanto sua permanência nas instituições que são feitas com/para/pelos os remanescentes quilombolas. A escola quilombola fora deparada como constituinte da Educação Básica no Parecer Conselho Nacional de Educação 07/2010 e nas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica na Resolução do Conselho Nacional de Educação/04/2010, que a apresenta como:

[...] “desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docentes observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica Brasileira” (BRASIL, 2013, p. 46).

Cabe pensar sobre futuro dos quilombolas terem clara a necessidade de educação para esses grupos, para que se tenha em mente um projeto de vida, que valorize este modo de viver. Porém, são muitas as barreiras, os desafios a vencer para implantar um ensino voltado para a realidade dos povos negros quilombolas. Assim, compete ao Governo Federal apoiar a contribuição da sociedade civil para implementação de práticas inovadoras em Educação Quilombola visando valorizar esta cultura que em muitos aspectos contribui na formação do povo brasileiro e também no mundo.

A valorização da identidade negra é importante na desconstrução do mito da democracia racial que deve ser construída dentro da escola e, um elemento que contribui para que a história da população negra seja contada em sua versão verdadeira, buscando um diálogo com o conhecimento a partir de especificidades com o objetivo de colocar os negros também como protagonista na formação do povo brasileiro, uma vez que esta contribuição precisa ser divulgada e conhecida dentro e fora da escola.

## **CAPITULO II: VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA SALA DE AULA POR MEIO DO CAIXOTE HISTÓRICO**

A escola é uma instituição importante na formação humana, tem uma responsabilidade significativa no sentido de pensar e elaborar propostas pedagógicas que dinamizem o ensino, a aprendizagem visando à valorização de vários saberes sendo capaz de reconhecer a participação africana na formação do povo brasileiro. Desse modo uma forma encontrada para dinamizar uma aula de História pode ser por meio de inovação voltada para a criação de produtos didáticos.

Nesta perspectiva pensamos na possibilidade de discutir com os alunos da turma do 4º Ano / Ensino Fundamental as relações de trabalho na feira por meio de um recurso denominado Caixote Histórico, trata-se de uma proposta resultante do aprendizado adquirido na Disciplina Novas Abordagens no Ensino de História na qual foi possível desenvolvermos atividades por meio de planos e produtos educacionais voltados para a dinamização do saber histórico na sala de aula da Educação Básica.

A partir das discussões tecidas no decorrer das aulas ministradas por professores de diversas disciplinas foram mantidos diálogos no Curso de Especialização em Ensino de História, pensamos nesta atividade para ser desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Gregório Rosa Filho instituição que faz parte da Rede de Ensino de Ananindeua, em como valorizarmos a aprendizagem histórica e o saber local percebido na Comunidade Quilombola de Abacatal. Diante da perspectiva do trabalho didático a partir do uso do Caixote Histórico desenvolvemos as atividades a partir dos seguintes encaminhamentos metodológicos:

### **2.1 Apontando caminhos, a proposta em (re) construção**

Inicialmente apresentamos a proposta de trabalho e comunicamos a gestão da escola sobre a atividade proposta, e de sua importância para valorização das relações de trabalho mantidas dentro e fora do quilombo. Estas têm os negros como protagonistas no contexto da economia e modo de vida dos afrodescendentes, tendo em vistas que esta população é de fundamental

importância no progresso e desenvolvimento da sociedade de Ananindeua, uma vez que estes saberes foram ventilados nos diversos âmbitos, cultural, científico, econômico, religioso, onde ocorrem relacionamentos dinâmicos, mas, também complexos a serem considerados.

A composição social do Brasil tem marca permanente da matriz africana, visto que esta cultura contribui nas diversas regiões presentes no cenário brasileiro embora ao afrodescendente ainda sofram a terrível herança da escravidão negra. O reconhecimento da identidade dos quilombolas contemporâneos por parte do Estado, depois de tantos séculos, abriga o resgate e a valorização das culturas afrodescendentes em um sistema social ainda excludente e discriminatório.

Conforme foi combinado e planejado junto à gestão e coordenação pedagógica primeiramente, realizamos uma visita na Escola Manoel Gregório para cumprimentarmos todos os alunos visando tornar o momento da atividade do Caixote Histórico menos formal também para que os mesmos não sentissem envergonhados ou inibidos com nossa presença na sala de aula. Isto porque a desconfiança, a timidez, são características desta população. É preciso conquistá-los para que estes possam adquirir confiança e oferecer amizade.

Ao chegar à sala do 4º ano fomos bem recebidos pela professora regente da turma, bem como pelos alunos que se mostraram muito receptivos. Conversamos com a professora para informar sobre a atividade, em seguida, dialogamos com a turma e informamos que iríamos desenvolver uma atividade. Até então eles não tinham visualizado o Caixote Histórico. Conversamos com a professora e dissemos a ela que esperaríamos o final da aula para dar início a tarefa. A mesma, então começou a estimular na turma para que os alunos acabassem de fazer a tarefa, pois participariam de atividade legal e interessante, mas, que só participaria quem concluíssem a tarefa anterior.

Passados aproximadamente uns trinta minutos, observamos que alguns alunos ainda apresentavam dificuldades para escrever em tempo hábil e precisaram da ajuda, acompanhamento e orientação direta da professora para transcrever o conteúdo do quadro para o caderno (FERREIRA, 2001, p. 236) aponta que a “dificuldade refere-se a tudo que é difícil realizar, um obstáculo que impossibilita alguém de realizar algo ou alguma coisa”.

Diante da prática pedagógica realizada pela professora notamos que a atividade era relacionada a disciplina Língua Portuguesa na qual a docente trabalhava um texto relacionado a realidade urbana, motivando os alunos a desenvolver o conhecimento histórico relacionando para a realidade local, valorizando memórias, história e cultura. Neste momento observamos que os alunos apresentavam avanços na escrita, mas, precisam ser mais estimulados no momento da leitura.

Para Cagliari (2010, p. 97):

A escrita está no cotidiano do aluno e tem sido fortemente impactada por conta das exigências de uma sociedade profundamente letrada, que exige um alto padrão dos leitores, o seu contexto gira em torno da escrita. A escrita é uma atividade complexa, pois isso requer um tratamento especial por parte do professor.

Essa constatação convida a reflexão de que a criança moradora do Quilombo de Abacatal, assim como a criança urbana enfrentam dificuldades em relação à leitura, nessa lógica acreditamos que é relevante a escola investir nestas aprendizagens tendo em vista que dentro e fora do quilombo as exigências relacionadas à leitura são as mesmas. Caso não sejam levadas em considerações podem trazer consequências sérias para que estas crianças sejam incluídas na sociedade de Ananindeua, que já está profundamente envolvida em questões relacionadas à leitura.

Quando as crianças encerraram a atividade com a professora, convidamos as mesmas para uma roda de conversa, pois o Caixote Histórico já estava centralizado na sala. Pedimos que formassem um círculo, os mesmos sentaram-se e o diálogo começou. Esse primeiro contato teve como objetivo conhecer individualmente os alunos e identificar seus conhecimentos prévios e verificar experiências de vida adquiridas a partir das relações mantidas no Quilombo.

A palavra *Quilombo* é a incorporação à língua portuguesa de um termo africano que significa esconderijo. No Brasil se torna sinônimo de núcleo de escravos fugidos que procuravam abrigo em locais de difícil acesso para neles construírem padrões africanos de organização social (PEREIRA, 2012.p.33). Hoje esse modo de vida sofreu mudanças importantes, onde os afrodescendentes moradores da Comunidade Quilombola de Abacatal não são

mais fugitivos, escravizados e explorados conquistaram a sua independência e a sua autonomia, são donos de seu território possuem titulação de terra. Mas cabe ressaltar que apesar das conquistas relacionadas à educação, saúde, transportes dentre outras a comunidade ainda enfrenta sérios problemas em virtude da urbanização, progresso e desenvolvimento previsto no município de Ananindeua que coloca essa população frente a frente com problemas que interferem negativamente no seu modo de vida.

Por meio da roda de conversa dialogamos com os alunos para conhecer a turma por conseguinte tornar mais prazerosa a convivência, a atividade e o envolvimento da turma. Sentamos em círculo no chão e tornar o momento mais harmonioso e informal, pois a ideia era promover uma aproximação para conhecer melhor os alunos e apresentar o Caixote Histórico de maneira mais lúdica e atraente possível, visando despertar o interesse da turma pelo produto didático, bem como o envolvimento na atividade planejada.

A roda de conversa continuou de forma bastante significativa, o tema gerou em torno dos elementos que compunham o Caixote Histórico, foi quando apresentamos a pupunha, a farinha, o uxi, a macaxeira, a maniva, sempre relacionando passado e presente. Nesse caso, os alunos começaram a se apropriar da realidade local estabelecendo relações importantes com o trabalho, as vendas, o dinheiro a família. A intenção era envolver a turma na discussão sobre relações de trabalho, para conhecer suas percepções sobre o assunto.

Explicamos a eles que no Caixote Histórico havia sonhos e pegamos de dentro do mesmo um diploma e um chapéu de formatura. Destacamos que aqueles objetos eram responsáveis por mudanças e sonhos que podem ser realizados. Falamos para eles do sonho de ter conseguido estudar, adquirir bens como casas, carros, conquistar um emprego e garantir uma vida confortável. Aos poucos notamos que os alunos foram se envolvendo na roda de conversa relacionando o que estava sendo discutido com o seu modo de vida.

Após a escuta os alunos começaram a se oferecer e falar espontaneamente de sonhos que tinham para o futuro, no decorrer da roda de conversa observamos que os meninos em sua maioria têm o sonho de ingressar nas forças armadas: Marinha, Exército e Aeronáutica, bem como

fazer parte do Corpo de Bombeiros, também da Polícia Militar. Em nenhum momento, esses revelaram interesse em trabalhar na agricultura, na Casa de Farinha, na venda de carvão, ou se instalarem na feira como comerciantes.

Acreditamos que esta escolha tenha muito a ver com situações de violência vividas hoje no ambiente do quilombo, pois as famílias que lá residem têm tido contato constante com diversas formas de violência, que certamente interferem no modo de pensar e ser infantil. Outra hipótese refere-se ao fato das atividades desenvolvidas pelas Forças Armadas está relacionada ao poder, justiça, proteção, fatores que fazem parte do contexto histórico do quilombola.

Na fala dos meninos, percebemos perspectivas importantes advindas por meio do estudo. Eles também enfatizaram que tem o sonho de trabalhar para ajudar a mãe, e oferecer a ela melhores condições de vida quando se tornarem adultos. Chamou nossa atenção no relato dos alunos, foi o fato deles não mencionarem a figura paterna, sendo assim constatou que a mãe tem um papel determinante nos planos dos alunos. Esta constatação revela que o protagonismo da mulher quilombola tem assegurado o recorte de gênero, raça e etnia na garantia da descendência.

Diante da roda de conversa mantida na sala de aula quilombola verificamos que a participação da mulher na comunidade quilombola é fator determinante para que o empoderamento feminino ganhe respeito e visibilidade. É a partir da consciência de sobre a valorização da mulher mesmo com as violências, desvalorizações e violações de direitos que lhes atingem, permanecem atuantes, tanto nas ações de transformações do cotidiano, como nas mobilizações sociais em busca de condições de igualdade para sua existência individual e coletiva.

Após a fala dos meninos, foi a vez das meninas que se manifestaram de forma bastante significativa em relação aos seus sonhos que tinham diversos interesses envolvidos. As profissões mais elencadas foram médicas, veterinária, aeromoça, cantora, professora. Mas, assim como os meninos, elas não demonstraram interesse em permanecer na comunidade, para trabalhar na agricultura, na casa de farinha, na produção da horta, e, até mesmo casar, ter filhos e dar continuidade a gerações futuras visando a permanência do quilombo.

A educação quilombola é outro aspecto a ser considerado porque merece atenção, pois o acesso ao ensino básico, técnico e superior é determinante para que os estudantes concluam os seus estudos. Portanto, é necessário que as escolas das comunidades quilombolas relacionem os conteúdos ensinados à vivência social dos alunos. Um olhar sobre as mulheres negras, o ensino superior, e o ingresso no mercado de trabalho segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostra que apenas 10% das mulheres quilombolas, conseguem concluir o ensino superior. Em relação a esse ingresso no mercado de trabalho esta taxa é de 5% (IBGE, 2016).

A roda de conversa com a turma do 4º Ano foi finalizada com sucesso de acordo com o planejamento realizado. O interesse pelo Caixote Histórico continuou, pois nele havia outros elementos como bonecas, jogos, perucas, pelúcias, que organizamos, para que os alunos pudessem desfrutar de sua ludicidade, brincando entre eles e de forma individual. Esse momento se estendeu até o horário da saída, quando os pais chegaram para buscar os alunos, que não queriam ir embora, por conta do envolvimento com os elementos do Caixote Histórico.

A avaliação que fazemos é positiva, pois a intenção era de mobilizar o conhecimento histórico dos alunos, envolvendo o Caixote Histórico no diálogo sobre as relações de trabalho mantidas entre a feira, e os moradores do local levando em consideração que é possível criar produtos didáticos que atendam aos interesses de um aprendizado contextualizado com diferentes realidades, independentemente do cenário o qual a escola está inserida.

A partir deste diálogo com os alunos da turma do 4º Ano nos veio a reflexão de que a escola é um lugar de múltiplas possibilidades, aprendizados, relacionamentos, sentimentos, encontros, emoções. É também um importante local de descobertas, de escuta, de pertencimento, troca de experiências. É especialmente um lugar onde circulam seres humanos dotados de culturas diversas a serem valorizadas independentemente do local onde a instituição está inserida.

## **2.2 O Caixote Histórico: Um aprendizado significativo**

Este produto didático se caracteriza como resultado das discussões teórico-práticas tecidas no Curso de Especialização em Ensino de História, promovido pela Universidade Federal do Pará – Campus Ananindeua no qual foi intenso o aprendizado desenvolvido no decorrer do estudo das disciplinas propostas para a conclusão do referido curso. Na proposta “O uso do Caixote Histórico para discutir relações de trabalho” apresenta uma atividade pedagógica para o Ensino Fundamental/ Educação Básica que inclui temas relacionados as Relações Étnico-Raciais o qual discorre sobre a Educação Escolar Quilombola amparada na Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2013.

A idealização do Caixote Histórico se deu a partir das interações e diálogos mantidos no decorrer de estudos ocorridos na Disciplina Novas Abordagens no Ensino de História onde fomos estimulados a trocar experiências e desafiados a pensar, por conseguinte, construir um produto didático que sinalizasse um diferencial no sentido de educar para o respeito, à diferença, a diversidade explorando o saber local na sala de aula por meio do Ensino de História.

Pensamos no Caixote Histórico para contribuir no Ensino Fundamental, visando promover e discutir relações de trabalho, mas a sua relevância junto ao aprendizado dos alunos foi tão intensa, que nos permitiu pensarmos que na escola é possível fazer diferente, ampliar o conhecimento histórico na turma, ao mesmo tempo tornar a aula de História atraente e prazerosa, tal qual este saber se constitui na sua essência em virtude das contribuições na formação humana.

**Figura 1- Caixote Histórico**

Fonte: Acervo da autora, 2018.

Organizamos o Caixote Histórico com diferentes elementos e produtos entre estes estão camarão, cheiro-verde, couve-flor, bananas, farinha, mel-de-abelha, folhas de boldo, diploma, capelo, cd's, utensílios domésticos, enfeites de cerâmica, chapéu, molho de chaves, porta-batom, caixa-de-fósforos, descartáveis, vasilhas, enfeites, embalagens de medicamentos. Os elementos e objetos foram organizados para estimular no ambiente da Academia a discussão sobre as relações de trabalho mantidas entre as pessoas que trabalham na feira do Conjunto Cidade Nova 4. Esse retorno se deu a partir de uma aula de campo da Disciplina Novas Abordagens no Ensino de História componente curricular do Curso de Especialização em Ensino de História.

**Figura 2:** Integração e preparação da equipe do Caixote Histórico.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Esta apresentação foi de grande valia para dialogarmos com os colegas de curso sobre o produto didático apresentado, tendo em vista que a turma era diversificada formada por diferentes profissionais, historiadores ou professores de História, sendo esta uma oportunidade para mostrarmos o aprendizado adquirido na disciplina por meio do Caixote Histórico como alternativa de dinamizar o Ensino de História. Essa socialização nos possibilitou enquanto acadêmicos a reflexão de que Pedagogia e História são áreas de conhecimento que podem interagir no sentido de ajudar o aluno a aprender mais a partir da realidade em que está inserido.

A proposta de História, para o Ensino Fundamental, foi concebida para proporcionar reflexões e debates sobre a importância dessa área curricular na formação dos estudantes, como referências aos educadores, na busca de práticas que estimulem e incentivem o desejo pelo conhecimento (PCN's, 2001, p.15). Diante do exposto é necessário que o saber quilombola seja ventilado para ajudar o aluno a reconhecer relações sociais, econômicas, políticas e culturais que a sua comunidade estabelece ou estabeleceu com outras localidades, no presente e no passado.

**Figura 3** - Familiarização das crianças com o Caixote Histórico.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Para trabalharmos o Caixote Histórico na turma do 4º Ano/ Ensino Fundamental na Escola Manoel Gregório foi necessário primeiramente conquistarmos as crianças por meio da aproximação com o recurso didático, por estarem habituadas ao processo formal de educação, ressaltamos que já existe um movimento de mudança curricular por meio da elaboração do Projeto Político Pedagógico, documento elaborado em parceria com a equipe técnica do Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais que faz parte do Departamento de Educação da Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua.

O Projeto Político Pedagógico tem a ver com a organização do trabalho escolar em dois níveis: como organização da escola como um todo e como organização de sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social imediato, procurando preservar a visão de totalidade. Nesta caminhada é importante ressaltarmos que esse documento busca a organização do trabalho pedagógico da escola na sua globalidade (VIDAL, 2003 p.15). Assim, é importante que o Projeto Político Pedagógico da Escola Manoel Gregório Rosa Filho tenha o perfil quilombola para que os alunos sejam motivados a aprender sobre os saberes ventilados na sua comunidade, pois estes são

essencialmente importantes na garantia de aquisição de conhecimentos deixados para gerações futuras.

**Figura 4 - Roda de Conversa por meio do Caixote Histórico.**



Este momento de diálogo na Escola Manoel Gregório Rosa Filho foi relevante para a familiarização com os alunos e conhecermos as impressões da turma sobre o produto didático apresentado, tendo em vista que a ideia era envolvê-los no diálogo, tendo o Caixote Histórico como objeto de conhecimento. A professora docente da turma foi convidada a permanecer em sala de aula para compartilhar esse aprendizado, e conhecer propostas de ensino significativas para ensinar História.

Munanga (1996) destaca a importância da afirmação docente como forma de valorizarmos o conhecimento local com o objetivo de fazer intervenções positivas, tendo em vistas que uma grande maioria de profissionais ainda estão desenvolvendo práticas pedagógicas tradicionais que não atentam para a necessidade de ampliar os conhecimentos voltados as diversas culturas. Essa educação pode se torna ainda mais atraente quando vislumbramos a necessidade de contemplar a equipe escolar com formação específica por tratar-se de um ensino quilombola que apresenta um perfil específico voltado para as peculiaridades desta comunidade.

Desse modo essa experiência junto aos alunos foi muito rica na medida em que tornou possível mantermos a atenção, o interesse, concentração da turma no Caixote Histórico, nas conversas mantidas, na audição dos relatos,

levando sempre em consideração a faixa-etária, os interesses, os conhecimentos prévios e a realidade local da instituição que está localizada em uma espaço quilombola. Sendo assim, constatamos por meio da atividade realizada que a turma ficou muito interessada no Caixote Histórico, mas aguardou as orientações para tocar, e conhecer os significados do produto didático.

### 2.3 Outras possibilidades de aprendizagem por meio do Caixote Histórico

A dinâmica temporal vivenciada na sociedade promove experiências significativas que devem ser aproveitadas pelo professor em benefício dos alunos, tendo em vistas que, assim com a História, a Matemática, a Geografia, a Filosofia dentre outras disciplinas estão presentes no cotidiano, são úteis na vida prática, ajudam na dinâmica da convivência. Nesta perspectiva pensamos em outras maneiras de utilizar o Caixote Histórico para ampliar o aprendizado na sala de aula do Ensino Fundamental, pois é conhecido que são muitas os desafios que os educandos enfrentam tanto no processo de leitura e escrita quanto na interpretação dos conteúdos ensinados.

Articulando as proposições sobre o conhecimento escolar e a transposição didática como uma análise das potencialidades do conceito de narrativa histórica, acreditamos que se possa avançar na compreensão dos processos de ensino/aprendizagem da História, cujos desafios ainda hoje parecem permanecer como obstáculos para a superação de práticas de ensino conservadoras e ou com dificuldade para encontrar alternativas aos desafios políticos e socioculturais da contemporaneidade (MONTEIRO, 2003, p.34).

Uma possibilidade percebida no uso do Caixote Histórico trata-se de mostrar aos alunos uma forma inteligente de trabalhar os conteúdos relacionado a industrialização na aula de Geografia. O professor poderá colocar no Caixote Histórico pares de tênis conhecidos como os da marca Nike, Adidas, Topper entre outros para dialogar com os alunos sobre a contribuição destas empresas, na economia, que mesmo em tempos de crise estão entre as marcas mais usadas no mundo, inclusive pelos alunos que

também se encontram envolvidos neste processo de modernidade e consumismo.

Neste contexto a escola ganha destaque, justamente por ter a responsabilidade de compartilhar saberes não somente de ensinar os alunos a pensar, se ver como um cidadão, não pensando apenas em sua condição, mas, se humanizando e pensando no outro. Sendo assim, cabe a escola estimular leituras de textos, aprendam umas coisas e se desprendam de outras para que se tornem capazes de repensar a realidade. Assim, o ensino de História e outras disciplinas ganham novos contornos revelando aos educandos que a humanidade esta se movimentando constantemente (PINSKY, 2013, p.112).

Nas aulas de Matemática também vislumbramos um aprendizado significativo trata-se de mostrar aos educandos alguns produtos para trabalhar sistema monetário, pois estes presenciam junto a suas famílias situações voltadas para os aumentos constantes de produtos básicos á alimentação, como arroz, feijão, farinha, muito consumidos também na escola no momento do lanche. O professor poderá colocar no Caixote Histórico tais produtos para conhecer a realidade alimentar dos alunos e relacioná-los aos conteúdos estudados. O professor ainda terá a oportunidade de incentivar a turma a desenvolver hábitos saudáveis, contribuindo para fazer intervenções positivas no modo de agir e pensar desses sujeitos.

Cabe ao professor, ao longo de seu trabalho pedagógico integrar os diversos estudos sobre as relações estabelecidas entre o presente e o passado, entre o local, o regional, e o mundial. As vivências contemporâneas concretizam-se a partir desta múltiplas relações temporais e espaciais, tanto no dia-dia individual, familiar como no coletivo. Assim, a proposta é de que os estudos sejam disparados a partir de realidades locais, ganhem dimensões históricas e espaciais múltiplas e retornem ao local, na perspectiva de desvendá-lo, de desconstruí-lo e de reconstruí-lo em dimensões mais complexas (BRASIL,2001, p.65).

O Caixote Histórico oferece possibilidades de aprendizagem na aula de Arte onde o professor poderá colocar objetos de arte marajoara que podem ser adquiridos no Mercado Ver-o-Peso e levar para a sala de aula mostrando aos

alunos a beleza destes materiais estimulando os mesmos a valorizar a história local, leva-los a relacionar presente e passado. Ele ainda poderá trabalhar de forma interdisciplinar com as demais disciplinas do currículo.

Karnal (2004, p.56) complementa que:

Os desafios na aprendizagem das temáticas históricas pontuam questionamentos quanto à prática empregada na sala de aula para se trabalhar na superação de conceitos tradicionais, tais conceitos estão presentes em uma abordagem tradicional, que no ensino brasileiro, resultante das visões eurocêntricas no modo de se perceber a História. De modo particular, o sistema de ensino brasileiro esteve fortemente vinculado à metodologia francesa até por volta do início do século XX, quando surgem novas propostas surgem. Os principais avanços ocorreram somente no final da década de 1980 e início da década de 1990 através da ação de organizações como a Associação Nacional de História (ANPUH), de leis como a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB - Lei n. 9394/96) e de instrumentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que contribuíram para ampliar possibilidades relacionadas a esta área de conhecimento.

Nas aulas de Ciências o Caixote Histórico pode proporcionar importantes reflexões importantes sobre prevenção de doenças, onde o professor poderá colocar bulas de remédios, termômetros, receitas, caixas de remédio não mais utilizados, aparelho medidor de pressão, carteiras de vacinação. E a partir daí dialogar com os alunos para chamar a atenção dos mesmos sobre medicação sem a orientação de médicos, também sobre os cuidados com as informações cedidas nas mídias que as vezes são prejudiciais a saúde e a vida.

Para Napolitano (2010 p. 80):

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam avanços significativos nas tentativas de se trilharem novos caminhos: [...] além dos novos conceitos e práticas pedagógicas, os currículos tradicionais foram revisados pela proposta dos PCNs do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ainda que em muitos casos [...] os professores não tenham incorporado o cerne das propostas, sobretudo como otimizar o trabalho com os eixos temáticos propostos, esses documentos estão interferindo na produção dos materiais didáticos (sobretudo o livro didático, que se constituem como guias de trabalho para muitos professores.

Acreditamos que as práticas pedagógicas promovidas por meio do uso de produto didático como o Caixote Histórico traz benefícios para o trabalho do professor e a aprendizagem dos alunos que estão na Educação Básica, na

medida em que dá conta de romper com a memorização estimulada nos métodos de ensino até então aplicados nas aulas de História, no qual observamos extensa oferta de textos escritos, uso de material didático obsoletos, uma aula onde o que prevalece é a fala do professor que só faz uso do livro didático que segue com aulas tradicionais compreendendo que ensinar História não é somente transmitir conhecimentos sistematizados sem nenhum sentido para os alunos, mas, leva-los a pensar sobre a sua condição enquanto sujeito histórico e social.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste projeto nos debruçamos no interesse de colocar em prática os conhecimentos apreendidos no decorrer dos estudos das disciplinas do Curso de Especialização em Ensino de História onde fomos estimulados a desenvolver o conhecimento histórico por meio de reflexões importantes sobre a prática docente voltada ao processo ensino aprendizagem da disciplina História na atualidade, considerando o passado percebendo perspectivas relacionadas ao futuro.

O trabalho se concentrou em desenvolver estratégias didáticas em forma de planos e produtos educacionais voltados para a dinamização do ensino de História contribuir na desconstrução de práticas tradicionais ainda presentes nas instituições educativas, o que fortalece o saber construído a partir da memorização de conteúdos sistematizados, que impede o desenvolvimento do pensar historicamente na sala de aula da Educação Básica, espaço de construção de conhecimentos significativos sobre a realidade.

Nesse sentido, a elaboração de produto didático é uma oportunidade para pensarmos, sobre o que e como deve ser o ensino, partindo de uma proposta pedagógica interdisciplinar voltada a instrumentalização visando novas abordagens a partir da aquisição de informações já conhecidas, mas, que podem ser concebidas por meio da dinamização do conhecimento histórico. Especialmente aqueles ventilados na Escola Quilombola que é um espaço de convivência, de interação, valores, saberes específicos, de cultura, de memórias, e principalmente de resistência e fortalecimento de uma identidade negra que nem sempre é compartilhada de forma harmoniosa no meio social e educacional, mas, construída a partir de um processo histórico complexo e ao longo dos tempos.

Acreditamos que assim, como o Caixote Histórico a interdisciplinaridade sugere uma abordagem global da realidade, através de uma perspectiva holística onde a valorização é centrada não no que é transmitido e sim no conhecimento que é construído. Para Fazenda (1993, p. 49) a prática interdisciplinar envolve os alunos no processo de ensinar e aprender, incita o pensamento em direção ao enfrentamento de tensões que se

criam durante o seu processo de elucidação, o que possibilita a superação de dicotomias tradicionais da visão do mundo mecanicista. A interdisciplinaridade é um campo do saber aberto para que de uma prática fragmentada por especialidades os alunos estabeleçam novas competências e habilidades através de uma postura pautada em uma visão ampliada de um determinado conhecimento é uma porta aberta para que a aquisição de vários saberes.

Dessa forma optamos por trabalhar de forma interdisciplinar por que esta prática oferece possibilidades para valorizar a aprendizagem do ensino de História, trabalha com a ideia de que o aluno é o foco do processo de aprendizagem e o sujeito responsável pela condição de avançar construindo conhecimentos sobre a realidade na qual está inserido. Sendo assim, a reflexão sobre o conceito de interdisciplinaridade é de fundamental importância quando associado ao caixote histórico por conta dos saberes que podem ser ventilados a partir do que os alunos já sabem.

Paviani (2005, p.33) explica que a interdisciplinaridade permite problematizar os conteúdos, ou seja, traduzi-los ou organizá-los em forma de questões que provoquem o aluno à investigação, dando significado para ele, pois o que é aprendido só pode ser apropriado pelo sujeito se despertar nele certos reflexos a partir das interações com outros sujeitos sociais por meio da troca de saberes presentes na realidade contextual em que o ambiente educativo está inserido.

Nesta lógica Fazenda (1993, p.52) contribui neste diálogo teórico acrescentando que o ponto de partida e de chegada de uma prática interdisciplinar está na ação, do diálogo que se estabelece entre as disciplinas e entre os sujeitos das ações. A interdisciplinaridade devolve a identidade às disciplinas, fortalecendo-as e evidenciando uma mudança de postura na prática pedagógica. Tal atitude embasa-se no reconhecimento da provisoriedade do conhecimento, no questionamento constante das próprias posições assumidas e dos procedimentos adotados, no respeito à individualidade e investigação em busca da totalidade do conhecimento.

Sabemos que o trabalho com o apesar de sugerir prática interdisciplinar Caixote Histórico é um desafio por isso temos a pretensão de valorizar a

construção desse produto didático na aula de História, assim, como na Matemática, Geografia, Arte, Ciências na medida em que o seu uso assegura aos educandos quilombolas expressarem múltiplas linguagens, posicionarem-se diante da informação relacionada ao seu contexto, bem como, interagir de forma crítica, reflexiva e ativa com o meio físico, social local.

#### 4. REFERÊNCIAS

ANANINDEUA. Secretaria Municipal de Educação. Conselho Municipal de Educação. **Atos Normativos do Sistema Municipal de Ensino**. Ananindeua, Pará 2015.

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth; CASTRO, Edna Maria Ramos de. **No Caminho de Pedras de Abacatal: experiência social de grupos negros no Pará**. Belém: NAEA/UFPA, 2004.

ARRUDA, Gilmar. **O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade**. Patrimônio e Memória, v.2, p.110-125,2007.

BRASIL, Casa Civil. Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003. **Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos** de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 8, de 20 de Novembro de 2013. **Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 2001

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa Brasília 1988**.

\_\_\_\_\_. Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. MEC, SECADI, 2013.

----- Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação Base Nacional Curricular Comum. Brasília: 2017.

CAGLIARI, Luíz Carlos. **O mundo da leitura**. Ed. Pioneira, Rio de Janeiro. 2010.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e Consciência Histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 7-128.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía, Raquel Amorim dos Santo, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e Silva.- 1ed.- São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.  
FAZENDA, Ivani C. **Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria.** São Paulo: Loyola 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XX Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FONSECA, Selva Guimarães. **A nova LDB, os PCN's e o ensino de história. In: Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados.** Campinas, SP: Papyrus, 2003, p. 29-38.

FUNARI, P. P., & CARVALHO, A. V. D. (2005). **O patrimônio em uma perspectiva crítica: o caso do Quilombo dos Palmares.** Diálogos.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Cortês, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PAS - Pesquisa Anual de Serviços, 2016.** [online] Disponível na internet via WWW URL:

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 2ª Edição, São Paulo: Contexto, 2004.

MATTOZZI, Ivo. **Currículo de História e Educação para o Patrimônio. Educação em revista.** Belo Horizonte-MG: Universidade Federal de Minas Gerais\Faculdade de Educação, p. 135-155, 2008.

MONTEIRO, Ana Maria. **A história ensinada: algumas configurações do saber escolar.** História & Ensino (UEL), Londrina, 2003.

MUNANGA, Kebengele. **Para entender o negro no Brasil de hoje: História, realidades, problemas e caminhos.** São Paulo: Cortez. 1996.

NAPOLITANO, Marcos. Cultura. In: PINSK, Carla Bessanezi (org). **Novos temas nas aulas de História.** 2ª Edição, São Paulo: Contexto, 2010.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceito e distinções.** Porto Alegre: Edições Pyr, 2005.

PEREIRA, Mateus. **Quilombolas e quilombos: história do povo brasileiro.** - Belo Horizonte: Roma 2012.

PINSKY, Jaime. **Educação em tempos de crise. In: Por que gostamos de História.** São Paulo: Contexto, 2013.

Projeto político pedagógico da escola: **Uma construção possível.** Ilma Passos Alencastro Veiga (org.). Campinas, SP: Papyrus, 1995.

SANTOS, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira.** Belo Horizonte: Mazza, 2012.

SILVA FILHO, João Bernardo da **Quilombolas: resistência, história e cultura/** João Bernardo da Silva Filho, Andrezza Kelly Lisboa Fernandes Pinto. – São Paulo: IBEP, 2012.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de **Quilombos: Identidade e história** 1ª ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

VASCONCELLOS, Àquila. **O fio d'água do quilombo: uma narrativa do Zembeze no Amazonas.** São Paulo: Cortez, 1996.

VIDAL, P. A. **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível.** 10 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

VIGOTSKY, L. S. e outros. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone /EDUSP, 1996. p. 59-84.